

Ciberativismo na terceira edição da revista “A Vadia Que Sua Mãe Sonhou”

Camille Roberta BALESTIERI
Lucas Nunes Rodrigues FERREIRA
Patricia LESSA

Resumo

“A vadia que sua mãe sonhou” é uma revista manifesto feminista produzida experimentalmente por graduandos do Curso de Comunicação e Multimeios. Em sua terceira edição, os autores, Lucas Ferreira e Camille Balestieri, abordam questões de gênero e sexualidade relacionadas ao pornoterrorismo e aos demais usos dos corpos de maneira a se exercer política, destacando, dessa maneira, o caráter de ativismo presente em tais processos de apropriações dos corpos. Além do ativismo relacionado ao próprio corpo, também é possível analisar a interação em meio a diversos espaços entendidos como públicos, especialmente naqueles onde comunicação se faz evidente: dá-se destaque, em especial, à apropriação de mídias não-hegemônicas (em especial as redes sociais) tanto por parte dos movimentos, quanto por parte da revista, para o empoderamento de tais grupos por meio da comunicação.

Palavras-chave: ciberativismo; gênero; feminismo; redes sociais; revista digital.

INTRODUÇÃO

A terceira edição da revista manifesto feminista “A Vadia Que Sua Mãe Sonhou” traz vislumbres sobre dinâmicas de produção de materiais gráficos para a *web* de maneira colaborativa, além de explorar a possibilidade de empoderamento de grupos com motivações políticas por meio destas dinâmicas. Assim como nas demais edições da revista, ocorreu uma espécie de curadoria digital das artes dos colaboradores. A inclusão deles nos processos de produção culminou no aumento da visibilidade de suas obras e da revista. Além disso, a rede colaborativa proporciona a possibilidade do cruzamento de linguagens e de criação coletiva dentro de espaços não hegemônicos, fazendo com que existam alternativas de divulgação e produção à aquelas usadas pelos meios de comunicação de massa.

A edição aborda discussões sobre liberação e reapropriação dos corpos ao centralizar o movimento pornoterrorista e demais usos do nu de forma política como temática. Questiona-se a estereotipação hegemônica dos corpos femininos na mídia, os processos publicização e apagamento de peitos, coxas e bundas mediante os interesses de consumo, promovendo assim a fetichização e *voyeurismo* dos corpos.

Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Produção Transdisciplinar.
PT 13 Comunicação e Inovação, modalidade avulso.

Aluna líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação e Multimeios, email:
camille.balestieri@gmail.com.

Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação e Multimeios, email: lucas.nunesrodriguesferreira@gmail.com.
Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Pedagogia, email: patricialessa13@gmail.com.

OBJETIVO

A terceira edição da revista manifesto digital e feminista “A Vadia Que Sua Mãe Sonhou” tem o objetivo de ampliar as discussões feministas sobre os discursos que interpelam, normatizam e vigiam os corpos - principalmente os femininos. A todo o momento, os meios de comunicação promovem processos de visibilidade e apagamento de corpos - a publicidade, em especial, seleciona peitos, coxas e bundas dignos de fetichização e *voyeurismo* por meio de anúncios.

A lógica do consumo, amparada pelo discurso publicitário, é subvertida e desconstruída na medida em que a revista e demais grupos de militância feminista - em destaque o movimento pornoterrorista - se apropriam de territórios de mídias não-hegemônicas de maneira colaborativa e os ocupam com corpos e discursos “não mostráveis”.

A formação de redes de colaboratividade para a produção e divulgação dos trabalhos da revista e de pornoterroristas fortalece os movimentos e proporciona aos demais produtores de conteúdo para a *web* vislumbres a respeito de possibilidades de dinâmicas de trabalho coletivas e econômicas.

JUSTIFICATIVA

A revista manifesto feminista digital e experimental intitulada “A Vadia Que Sua Mãe Sonhou” pode indicar perspectivas de trabalho a serem consideradas pelos/as demais produtores de materiais gráficos para a *web*, em especial a/a aqueles/as com motivações políticas. A apropriação de mídias não hegemônicas (em especial a internet) e a criação de uma rede de colaboratividade permitem o barateamento da produção e visibilidade de publicações, a adaptação e cruzamento de linguagens – cada vez mais presente na comunicação devido aos processos de convergência de mídias, ou seja, várias linguagens características de diferentes meios se encontram numa mesma plataforma - para a circulação de discursos em territórios midiáticos, como os das redes sociais, oferece aos produtores e leitores novas possibilidades de interação e entendimentos de mundo. É importante evidenciar como a utilização da internet de maneira colaborativa pode ser eficiente para dar visibilidade a discursos.

O primeiro objetivo a ser alcançado por meio da revista foi o empoderamento de discursos femininos. As reflexões feministas sobre a linguagem trazem à tona os processos

de marginalização das mulheres enquanto sujeitos criadores de discursos. “Somos privadas do nosso feminino pelo plural masculino. A linguagem é um discurso masculino” (ANZALDUÁ, 2009, p. 306). “A Vadia Que Sua Mãe Sonhou” insere as mulheres – cissexuais ou transsexuais – e discursos femininos nos territórios da linguagem e da comunicação. Escrever e dar voz a outras mulheres por meio de uma publicação gráfica apresenta seus riscos:

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sobre opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida (ANZALDUÁ, 2000, p. 234).

A existência de publicações feministas se faz importante por dar força à resistência de discursos não-hegemônicos dentro de um contexto no qual o cruzamento de propriedades midiáticas – conglomerados empresariais que centralizam o poder sobre diversos meios de produção comunicacional (impressos, televisão, rádio, *internet*) - e homogeneização de discursos já faz parte do cotidiano de cidadãos que, por sua vez, possuem a comunicação como um direito básico respaldado e regulado pelo capítulo V da Constituição Federal. O discurso também se torna um atestado de credibilidade para a existência de sujeitos, segundo Butler “[...] de alguma forma, passamos a existir no momento em que o discurso nos alcança [...]” (BUTLER, 2011, p. 15). A hegemonia dos produtores midiáticos exerce violências a todo o momento em que recorta o que deve constituir a realidade de acordo com seus interesses ideológicos:

Pensamos nesses interesses [dos produtores midiáticos] como direitos de controle sobre a propriedade, mas eles são também, simultaneamente aqueles que decidem o que será e o que não será reconhecido publicamente como realidade. Eles não mostram violência, mas há uma violência na moldura do que é mostrado. Esta violência é o mecanismo por meio do qual certas vidas e certas mortes permanecem não representadas ou são representadas de maneiras que efetivam sua captura (mais uma vez) pelo esforço de guerra. A primeira é um apagamento por meio da oclusão. A segunda é um apagamento por meio da própria representação (BUTLER, 2011, p. 29).

Os recortes que constituem a realidade são realizados através da seleção e/ou apagamento de fatos e sujeitos. Acontecem todos os dias em salas de edições dos telejornais, nas redações de sites, revistas e demais impressos e até mesmo no momento em

que o cinegrafista ou fotógrafo decidem o enquadramento de suas imagens – selecionando assim os objetos sobre os quais serão criados discursos.

O primeiro desafio a ser superado na produção da revista foi a inexistência de um orçamento: mesmo iniciativas sem fins lucrativos necessitam de investimentos – ainda que pequenos – pois sua produção, na maioria das vezes, gera custos. Tendo isso em vista, foi necessária a busca de plataformas gratuitas para publicar o projeto: todas as edições da revista foram publicadas no site Issuu, desenvolvido para dar suporte e publicização a editorações digitais, ao longo do ano de 2013. Com a finalidade de engajar mais usuários da internet, uma página criada para a revista no *facebook* - rede social que atualmente possui aproximadamente 76 milhões de usuários apenas no Brasil - e conta com mais de mil seguidores, em algumas publicações, já alcançou mais de cinco mil visualizações (sendo o número máximo de onze mil e novecentas visualizações de uma única publicação).

Uma estratégia de comunicação foi pensada para que a revista alcançasse os públicos aos quais se propôs a atender. O primeiro ponto a ser analisado foi a delimitação dos espaços na rede onde grupos feministas e simpatizantes estariam mais concentrados/as: vários blogs e sites de cunho político foram listados, em comum entre a maioria deles estava a possibilidade de se criar *hiperlinks* com redes sociais, em especial o *facebook* e *twitter*. Dentro do *facebook* também foram localizadas páginas de conteúdo feminista e grupos de discussão com a mesma temática - ambos potenciais espaços para a divulgação da “A Vadia Que Sua Mãe Sonhou”.

Tendo os territórios potenciais para a divulgação listados, observou-se outra característica marcante das iniciativas feministas: a colaboratividade. Redes de artistas e demais militantes são formadas para a produção de zines, blogs, produtos audiovisuais, sites e manifestos, abrangendo dessa maneira não só a *internet*, mas as mídias impressas e audiovisuais. Ao mesmo tempo, foram encontradas possibilidades de divulgação e de criação de dinâmicas de produção colaborativa para a revista: nos mesmos territórios de circulação do discurso feminista se encontram artistas gráficos, poetas, escritores/as e pensadores/as que são importantes para a manutenção desses territórios e que estão dispostos a contribuir com produções que, ao centralizar seus trabalhos, dão maior visibilidade às suas militâncias. Ao aglutinar textos (imagéticos ou não) na web, tecem-se novas redes – pelas quais circula a realidade - que só são possíveis por meio da evolução das tecnologias da comunicação e uso de *hiperlinks*:

Da mesma maneira que textos individualizados se transformaram em filamentos em teias infinitamente emaranhadas, as máquinas digitais de fins deste século tecem novas redes com o que eram outrora palavras, números, músicas, formas, odores, texturas sensíveis ao tato, arquiteturas incontáveis canais isolados, ainda não nomeados (PLANT, 1999, p. 18-19).

Ainda segundo Plant, as redes possibilitadas pelas “novas” tecnologias não funcionam da mesma maneira que aquelas produzidas noutros contextos tecnológicos, agora as redes e sua não-linearidade emancipam as mulheres dos espaços privados e introduzem uma nova cultura:

[...]é a despeito das tendências das tecnologias para reduzir, objetificar e regular tudo que se move que os computadores e as redes que em conjunto eles compõem funcionam de acordo com princípios inteiramente diferentes dos que outrora mantiveram as mulheres no lar (PLANT, 1999, p. 41-42).

O conteúdo da revista digital foi pensado de maneira a desconstruir a lógica presente no discurso publicitário sobre as mulheres, qual é fundamental para reforçar o binarismo e demais estigmas das relações de gênero nas sociedades ocidentais. A mulher transcende os papéis de consumidora ou produto de consumo (LESSA, 2005) e se torna sujeito central do discurso. De maneira provocadora, questiona-se a todo o momento as vigilâncias exercidas sobre os corpos femininos e sua objetificação.

Ao trabalhar as possibilidades de performances do corpo na terceira edição da revista, que traz o pornoterrorismo como temática central, evidencia-se a subversão e o deboche utilizados pelo movimento citado quando corpos de mulheres que não se inserem dentro da lógica dominante do discurso publicitário são mostrados. Peitos, coxas e bundas são objetos de classificação como mostráveis ou apagáveis dentro da lógica de consumo. O apelo visual da terceira edição da revista, além do caráter de desconstrução e exibição do não mostrável, se justifica pela premissa de que “[...] toda a escrita é inescapavelmente visual” (PLANT, 2012). Vislumbram-se, dessa maneira, possibilidades de criação de textos que podem ser independentes da escrita, ou escritas com apelos absolutamente visuais. É o que ocorre a todo o momento dentro dos pornoterrorismos e na terceira edição de “A Vadia Que Sua Mãe Sonhou”: as imagens por si só criam narrativas, dialogam entre si e permitem a circulação de discursos de emancipação dos corpos.

É importante pontuar que, dentro do pornoterrorismo; movimento político-artístico, iniciado pela artista mexicana Diana J. Torres, que atua mediante as premissas de liberação

e reapropriação dos corpos - atualmente inseridos dentro da lógica capitalista e machista - por meio das performances; as plataformas disponíveis na *internet* (*sites*, *blogs*, redes sociais, etc) permitem o acesso aos materiais e barateamento da divulgação dos trabalhos dos artistas. Pornoterroristas não trabalham com *copyrights*, estrategicamente, desconstroem a lógica capitalista do uso de direitos autorais para obtenção de lucros e possibilitam a ampliação do acesso às suas militâncias e seus discursos por meio de redes. De forma semelhante, a terceira edição da revista “A Vadia Que Sua Mãe Sonhou” foi publicada em uma plataforma gratuita, a do site Issuu, e também disponibilizada e divulgada no *facebook* gratuitamente. Ou seja, territórios já existentes na *internet* permitiram que, tanto a revista, quanto os trabalhos dos artistas considerados pornoterroristas fossem disponibilizados e divulgados sem gerar custos aos produtores e usuários da rede – configurando um processo de apropriação dos meios, empoderamento dos usuários, adaptação e cruzamento das linguagens utilizadas em outros territórios midiáticos.

Utilizamos a concepção de territórios midiáticos, e não de espaços midiáticos, pois os territórios “são permeados de relações de poder e de processos de subjetivação que caracterizam suas experiências e suas produções” (TAKARA, 2013, p. 22). Já os espaços se limitam a ser o lugar onde ocorrem ações e situações, sem considerar seu caráter político. Segundo Takara:

As apropriações em diversas localidades, as várias culturas e as diferentes identidades e organizações transformam a relação entre os indivíduos na sociedade. Há um aumento significativo do consumo e, com ele, repensam as condições de vida das pessoas. Os jovens se interessaram em —experimentar| outras formas de comunicação além das mídias de massa. As tecnologias de informação e comunicação integram os indivíduos em outra configuração espaço-temporal: o território midiático. (TAKARA, 2013, p. 21)

A *internet*, certamente, ganha o status de território midiático na medida em que se populariza também se torna cenário em que ocorrem as relações de poder. Grupos das mais diversas motivações políticas fixam suas bandeiras nesses territórios e pleiteiam entre si suas ideologias de maneira não-hegemônica. Na medida em que o ciberespaço é apropriado pelas diversas militâncias pode-se observar o surgimento do ciberativismo: ainda que existam perspectivas de circulação de discursos alternativas, a importância dos meios de comunicação de massa não deve ser menosprezada. Eles ainda determinam agendas de

assuntos relevantes ou não para o grande público, sem mencionar que conferem credibilidade às informações que circulam mesmo em mídias alternativas.

As revistas manifestos digitais devem ser entendidas como extensões dos movimentos sociais, sendo reconhecidas como ferramentas pelas quais acontece o ciberativismo. “A Vadia Que Sua Mãe Sonhou” leva as discussões presentes nas militâncias feministas contemporâneas ao plano virtual, possibilitando a criação de uma rede de colaboratividade de artistas, o cruzamento de linguagens, além de outras formas de reflexões, debates e entendimentos de mundo. Ressalva-se que não apenas grupos de militância entendida como de esquerda utilizam a *internet* para agendar seus conteúdos, grupos de direita também se beneficiam da rede para circular seus discursos.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Na terceira edição da revista “A Vadia Que Sua Mãe Sonhou”, realiza-se uma forma de curadoria das obras dos colaboradores - que foram convidados ou entraram em contato de maneira espontânea para participar da produção da revista pela página do *facebook*. A revista foi elaborada para ser veiculada em plataforma digital - assim como as edições anteriores. Buscou-se trabalhar de maneira a reforçar o uso da linguagem visual as temáticas centrais da edição: o nu político e o pornoterrorismo. Como se trata de um produto digital publicado em uma plataforma virtual, a revista tem como público alvo majoritário seguidores de blogs e páginas feministas do *facebook*.

A plataforma utilizada na publicação da revista foi o site Issuu, que atende perfeitamente às demandas de publicização do material por possibilitar *hiperlinks* com redes sociais. A página no *facebook* da revista também foi utilizada para sua divulgação: o conteúdo postado foi compartilhado por meio dos perfis pessoais dos realizadores/as e colaboradores/as em diversos grupos de estudos de gênero, sexualidade, feminismo e páginas destinadas às mesmas temáticas. Em seguida, demais usuários interessados nas publicações passaram a divulgar espontaneamente a revista por meio do compartilhamento em seus perfis e da “opção curtir”.

O projeto editorial da revista foi idealizado a fim de que forma e conteúdo se completassem de maneira harmoniosa e permitissem que a leitura fosse feita de maneira fácil, porém não menos reflexiva. Um estilo minimalista foi escolhido para a diagramação, proporcionando uma notável variação estética do padrão predominante entre publicações

que possuem temáticas relacionadas a gênero, sexualidade e feminismos. Enfim, optou-se por trabalhar mais imagetivamente, com textos curtos para tratar dos temas de forma assertiva sem causar cansaço ao leitor.

Em ordem, os processos para a realização de cada edição da revista consistem em: decidir e discutir o tema da pauta da nova edição, a partir disso, os textos que comporão à edição da revista são escritos. Em seguida, artistas com trabalhos relacionados à temática da edição e ao feminismo são convidados a colaborar voluntariamente, disponibilizando alguma(s) de sua(s) obra(s) para o projeto. Dessa maneira, executa-se uma espécie de curadoria digital. Com o material imagético e textual reunido, o passo seguinte é pensar em suas disposições de acordo com cada uma das editorias fixas da revista, são elas:

- De feminista para todxs - os realizadores apresentam o tema de cada edição a ser abordado pela revista e justificam a escolha do mesmo;
- *My Pussy é...* - espaço dedicado às artes imagéticas dos artistas convidados;
- Cutucada - um artigo de opinião, preferencialmente curto, sobre o tema da edição será apresentado;
- Personalidade - espaço para uma citação/poesia/arte/entrevista de alguma feminista em destaque com a breve apresentação da biografia da mesma.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Ao longo das editorias da terceira edição da revista, o nu político e o pornoterrorismo foram apresentados como temática central. A capa ganhou o título da edição: “A Vadia Que Sua Mãe Sonhou +18”, indicando a recomendação etária devido ao conteúdo de nudez. Os artistas colaboradores foram:

- André Fontes: fotógrafo paulista, por meio da página da revista no *facebook*, se ofereceu a colaborar com a edição com três fotografias;
- Lucas Ferreira: realizador da revista, estudante de Comunicação e Multimeios e fotógrafo. Uma das fotografias que compõem o ensaio “Meu corpo real é sensual” estão na revista;
- Fernanda Eda Paz Leite: estudante de Comunicação e Multimeios e fotógrafa, foi convidada pessoalmente e cedeu duas fotografias de seu ensaio intitulado “Visceral”,

- Patricia Gisele: poetisa baiana que enviou mensagem pela página da revista no *facebook* para demonstrar seu interesse em participar. Contribuiu com um de seus poemas para a produção da terceira edição da revista;
- Fernanda Magalhães: também foi convidada pelo *facebook* a colaborar com a revista sendo a personalidade por sua relevância enquanto artista, fotógrafa, performer e professora de artes. Seu trabalho integra, entre outros, os acervos da *Maison Européenne de la Photographie* em Paris, França e do Museu Oscar Niemeyer em Curitiba, PR, Brasil. Além disso, quatro de suas obras visuais compõem a revista.

Em busca de um design mais minimalista, o layout da revista é limpo, econômico em cores e as tipografias principais não possuem serifa. A revista foi projetada em orientação horizontal, com 5323 pixels de largura por 3330 pixels de altura. A diagramação da capa e das matérias procuram seguir uma orientação geométrica, em linhas retas, também inspirada pelo minimalismo.

CONSIDERAÇÕES

A *internet* se mostra um espaço propício para que movimentos politicamente motivados ganhem visibilidade. A não-hegemonia das linguagens possibilita que os corpos “não mostráveis” também sejam visualizados, subvertendo a lógica do discurso publicitário. Assim, tanto a terceira edição da revista “A Vadia Que Sua Mãe Sonhou”, quanto os demais movimentos que lhe servem de tema, se apropriam de territórios midiáticos na *web* tornando-se ferramentas de empoderamento e circulação de discursos.

REFERÊNCIAS

ANZALDUÁ, Glória. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Difusão da língua portuguesa. n. 39. UFF: Niterói, 2009. (305-318).

ANZALDUÁ, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In: **Estudos Feministas**. n. 1, 2000. (229-236).

A Vadia Que Sua Mãe Sonhou +18.
<http://issuu.com/avadiaquesuamaesonhou/docs/terceira_edicao>. Acesso em: 5 mar. 2013.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).

BUTLER, Judith. Vida Precária. **Contemporânea**. n.1. UFSCar: São Carlos, 2011 (13-33).

LESSA, Patrícia. **Mulheres à venda**: uma leitura do discurso publicitário nos *outdoors*. Londrina: Eduel, 2005.

Olhar Digital <<http://olhardigital.uol.com.br/noticia/37493/37493>>. Acesso em: 12 out. 2013.

PLANT, Sadie. **Mulher digital**: o feminino e as novas tecnologias. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1999.

TAKARA, Samilo. **Gênero e blog - problematizações dos discursos dos professores-as**. 2013. 158 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013